

A FORMAÇÃO DE LEITOR LITERÁRIO: O LEITOR NA CONVERGÊNCIA / LEITOR INTERATIVO

THE TRAINING OF A LITERARY READER: THE READER IN CONVERGENCE / INTERACTIVE READER

Antônio Carlos Dias Mendonça 1

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, discutir a formação de leitor literário à luz de um novo tipo de leitor, ou seja o leitor interativo ou o leitor na convergência. Esse tipo de leitor não apresenta nenhum formato diferente quanto à questão do letramento literário, o que o difere é a sua atuação no processo de ler. Esse sujeito não é mais aquele que apenas lê, ele faz crítica, opina, sugere repassa informações e dialoga com o autor antes mesmo de o produto ser publicado. A discussão tem início na dificuldade de se formar leitores literários na escola, já que, para eles, da forma como é ensinada a literatura, esse ensino não faz sentido. Em seguida, abordaremos sobre o leitor na convergência e em que essa modalidade pode contribuir para a formação do gosto literário de um sujeito ao inseri-lo em um contexto mais próximo de sua realidade.

Palavras-chave: Leitura. Leitor Interativo. Formação de Leitor.

Abstract: This article aims to discuss the formation of a literary reader in the light of a new type of reader, that is, the interactive reader or the reader in convergence. This type of reader does not present any different format regarding the issue of literary literacy, which the difference is its performance in the reading process. This subject is no longer the one who just reads, he criticizes, opines, suggests, passes on information and dialogues with the author even before the product is published. The discussion begins with the difficulty of forming literary readers at school, since, for them, in the way literature is taught, this teaching makes no sense. Then, we will address the reader in convergence and how this modality can contribute to the formation of a subject's literary taste by inserting him in a context closer to his reality.

Keywords: Interactive. Reading-Reader. Reader Training.

1 Graduado em Letras pela UNITINS, Pós-graduado em Leitura e Produção Escrita pela UFT, Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela UFT e Professor da Educação Básica na Rede Oficial de Ensino no Estado do Tocantins, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1560195796119396>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1321-166X>. E-mail: antoniodias0572@gmail.com

Introdução

Vivemos em uma era marcada pelo uso e avanço da tecnologia, porém ainda convivemos com uma educação moldada nos parâmetros da educação do século XX um modelo pautado na repetição e transmissão de saberes aos educandos, uma educação pautada em textos, livros e teorias no papel vistas como as únicas formas de representação do conhecimento.

Mais uma vez a questão esbarra na irrelevância de nossos sistemas educacionais, na defasagem da escola, que não cumpre sua finalidade maior, voltada para a emancipação de sujeitos históricos capazes de construir seu próprio projeto de vida. Uma escola que não acompanha o desenvolvimento econômico e tecnológico do século XX, que não prepara crianças, jovens e adultos para viver e atuar num contexto de incertezas e instabilidade. Ela continua trabalhando como se os antigos pressupostos de estabilidade e certeza ainda expressassem a realidade. E, pior, ainda continua defasada, obsoleta, num processo de decadência acelerada, sem absorver as mudanças tecnológicas da sociedade em que vivemos (MORAES, 1997, p.132).

Dessa forma, vivemos um paradoxo educacional no momento, pois apesar de estarmos na era globalizada, marcada por avanços tecnológicos e científicos, ainda temos uma escola pautada em paradigmas retrógrados do século XX, que reforçam o modelo educacional de apenas retransmitir o conhecimento.

Um dos nós da historiografia é a pretensão de abarcar todos os textos e autores considerados importantes e quase sempre obedecendo a critérios de cânone discutíveis e mutáveis. Privilegiando a quantidade e a diversidade, ela acaba oferecendo uma visão difusa do conjunto, no qual as obras de maior importância estética- aquelas que representaram, por exemplo, a ruptura ou a renovação de uma tradição-costumam ler, na descrição de um período, a mesma importância de obras menores, que só fizeram repetir o conhecido e o desejado pelo público médio de cada época (CEREJA, 2005, p.142).

Nesse cenário, vimos que a Literatura também se insere no paradoxo educacional de apenas ser transmissora de conhecimento. Há um certo tempo, a Literatura deixou de formar leitores na escola quando se propôs a apenas trabalhar de forma estruturalista com Historiografia Clássica Literária, ou seja, organizar todo o programa através de um conjunto de obras de maior importância, com isso apenas se repete o conhecido e o desejado pelo público de cada época.

Assim o reforço ao paradoxo educacional é recorrente, ao se ter um ensino de literatura que apenas repete seleção de obras já esperadas pelo público de cada época.

Cumprir enfatizar que segundo Cosson, 2012, o objetivo do ensino de literatura na escola é nos formar leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive

Dessa forma, entende-se que a escola ainda não forma leitores de fato, o que se vê na verdade é um contexto em que privilegia recortes de textos, teorias no papel que apenas repassam conhecimentos organizados na historiografia clássica tradicional, face ela ser mais confortável ao docente, ou seja, basta apenas segui-la sem necessariamente formar leitor, com isso vemos um engessamento no ensino de literatura e formação de leitor.

Paulo Freire (2001) diz que cabe ao professor, desenvolver sua prática pedagógica visando estimular seu aluno a querer aprender, a conhecer, enfim, a buscar. Cabe ao professor desenvolver neste aluno o interesse pela leitura e pela construção de conhecimento.

Diante do exposto, vimos que o paradoxo ainda persiste face ser mais cômodo para a escola

receber tudo formatado e apenas cumprir com o que é proposto, ou seja apenas dar sequência à Historiografia Clássica na formação de leitor e no ensino de Literatura.

Leitor e leitor literário

Antes de se falar em leitor e leitor literário lembramos que o letramento é um conjunto de práticas sociais com fins e objetivos específicos, que contribuem para que o sujeito possa ler e interagir melhor na sociedade em que vive.

Em *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2014) apresenta o letramento literário como uma prática social, conforme descrito:

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2014, p. 23).

De acordo com o autor, o letramento literário é uma prática social que deve ser praticada na escola, porém ele nos alerta que a literatura seja ensinada de forma que não seja somente o fim, mas o meio para o aprendizado da leitura, e que também seja ensinada em sua totalidade, isto é, não ensiná-la somente através de fragmentos textuais e historiografia literária, porém que o ensino de literatura tenha o compromisso que todo saber exige; de forma que a formação do leitor se estenda para além do conhecimento literário. O autor nos esclarece que o letramento, sobretudo o letramento literário, facilita a manipulação dos textos (COSSON, 2014, p. 27), e para se falar de letramento literário, é crucial que o educando manipule os textos, selecione suas leituras, faça suas inferências e possa daí extrair conhecimento.

Seguindo na mesma direção, Freire (2001, p. 30) infere que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que na formação do leitor, o ato de ler é mais que decodificação de símbolos, o pensamento do autor nos mostra que não basta apenas decodificar signos, faz-se necessário que o sujeito possa extrair aprendizado daquilo que lê, com isso poderemos falar em letramento literário, isto é a capacidade de ler diferentes textos, poder selecionar suas leituras e ao final que elas produzam conhecimento.

Podemos então definir o letramento literário, como um conjunto de práticas e eventos sociais que envolvem a interação leitor e escritor, produzindo o exercício socializado na escola por meio da leitura de textos literários (canônicos ou não). Assim a finalidade principal dessa leitura é a construção e reconstrução dos significados em relação ao texto literário lido dentro ou fora da sala de aula.

O tema leitura tem sido amplamente discutido nos meios acadêmicos, para situarmos a leitura é necessário que se busque a definição deste termo, a luz do que já foi estudado sobre a temática.

Segundo Tersariol (s/d, p.266 *apud* Silva, 2011, p. 23) nos mostra que o ato de ler é:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

É no ato de ler que o homem interage com outros homens através da palavra escrita. O leitor é um sujeito ativo que dá sentido ao texto. A palavra escrita ganha significados a partir da ação do leitor sobre ela.

A leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais

singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (2001, p. 53), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico Prática de leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Os PCN afirmam que a leitura “não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando as letras e as palavras. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita” (BRASIL, 1998, p. 41).

Kleiman (1989, p. 10), nos mostra “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Logo, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até o leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto (SILVA, 2011).

Quando se fala em leitor, pensa-se em um sujeito capaz de ler e compreender o que chega a sua mão, ou seja alguém que possa interagir socialmente com os textos e que demonstre capacidade de decodificar textos diversos e principalmente compreendê-los.

Entendemos que leitor é aquele sujeito que consegue interagir com o texto, identificando não apenas elementos explícitos no texto, mas também lendo nas entrelinhas, ou seja, extraindo significados também de elementos que não estão explícitos no texto.

Em *Letramento: um tema em três gêneros*, Soares (1999) discute a ideia de letramento, explicando que:

letramento é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever, o estado ou a condição social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita, em outras palavras, possuir o letramento significa envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita tendo como consequência a interação no meio em que vive; assim o leitor poderá ter condições para atuar nas esferas culturais, políticas, linguísticas e psíquicas onde ele demonstre capacidade de leitura proficiente na sociedade em que vive (SOARES, 1999, p. 18)

Ao saber ler e escrever, o indivíduo desfruta dos benefícios que tais práticas oferecem, assim o sujeito procurará viver melhor com o meio em que vive ao envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita. Com isso, assim o sujeito terá condições para melhor atuar nas esferas da sociedade em que habita, bem como interagir melhor nesses espaços sociais de maneira proficiente, ou seja, atuar nas esferas culturais, linguísticas e psíquicas onde ele demonstre a capacidade de leitura.

Segundo Lerner (2002), a leitura e a escrita são instrumentos que influenciam na visão de mundo e remodelam o pensamento, ou seja, faz com que o leitor não só amplie o seu conhecimento sobre o mundo, bem como o pensamento e a maneira de estar na sociedade seja modificado.

Mais do que uma necessidade social e intelectual, a leitura representa para o homem um meio para inserir-se no grupo em que vive, ou seja, quem não lê, pouco interage em uma sociedade letrada. Essa questão acaba por marginalizar tais sujeitos, colocando-os na base da pirâmide social.

Assim, de maneira geral, se pode afirmar que nas sociedades modernas ser letrado é sinônimo de *status* social.

Para quem vive em sociedade como a nossa, em que se organiza através do uso das linguagens e em torno dela, faz-se necessário do sujeito o letramento não só como capacidade de ler e escrever, mas que ele contribua para envolver-se nas práticas sociais que leituras e escritas exigem-nos diferentes contextos isso é a função social da escrita, porque, no dia-a-dia dos cidadãos, a escrita está presente em todos os espaços e a todo o momento, cumprindo diferentes funções. Ter percepção quanto à diversidade de usos e funções da escrita, e às incontáveis possibilidades que ela abre.

Para Bayard (2007, p. 90) a noção de texto literário corresponde à ideia que ele seja singular e mutável, criado pelo leitor a partir dos signos sobre a página.

Essa ideia se aproxima à de Jean Bellemin-Noel, para quem o texto só tem existência se modelado pelo leitor. A perspectiva psicanalítica adotada pelo crítico acentua ainda a importância e a significação dessa apropriação do texto:

Não existe em parte alguma algo como “O texto – exceto para se referir ao “Texto” (aquele do autor, tal qual). A isso que eu chamo texto, se quisermos que essa palavra tenha algum interesse, é sempre ‘ meu texto’’: uma versão da obra para meu uso, com os vazios do que não me diz nada e as saliências daquilo que me faz sonhar demoradamente, muitas vezes conforme uma ordem que pouco tem a ver com a sequência da intriga explícita.(...) Se há uma arte, no comentário, de restituir o Texto a texto (à textualidade), existe antes de tudo na leitura textanalítica uma preocupação e um prazer de apropriá-lo como meu para escutá-lo a fim de melhor me fazer percebê-lo e de fazê-lo mais bem percebido aos outros (BELLEMIN-NOEL, 2001,p .169).

Podemos entender que se apropriar de um texto acaba sendo um processo onde os interesses conscientes e inconscientes do sujeito leitor serão manifestados, porque o texto é modalizado por quem lê. O “texto do leitor”, aquilo que irá chamar de “meu texto”, resulta de uma mescla do texto do autor e do imaginário do leitor. Segundo Bellemin-Noel (2001, p.6) a leitura é como uma atividade vampiresca “pela qual um sujeito assimila seu objeto (...) sugando-lhe o sentido”, assim vamos perceber um sujeito que se envolve no ato de ler e dali retira o que lhe agrada, ou seja mais do que ter propriedade literária para ler e decodificar letras e sons, ao leitor é imprescindível que ele se envolva com o texto.

Num amplo sentido, a leitura aparece junto com a própria existência, que implica palavra em conexão ao ambiente em que habitamos suas significações e conhecimentos.

Em *Literatura infantil brasileira: uma outra/nova história*, Lajolo e Zilberman (2017) afirmam que:

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir de o texto ser capaz de atribuir-lhe significados, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 54).

Partindo de que ler é compreender melhor o mundo que se vive adquirindo conhecimento, a leitura é um indicativo fundamental do desenvolvimento do educando, pois a leitura é um meio de situar-se e inserir-se no seu contexto social com seu domínio, conquista e relações humanas que perpassam o campo da comunicação e proporcionam novas possibilidades de vida.

Para Freire (2001), o papel fundamental da leitura é o desenvolvimento da capacidade de produzir textos escritos e ter contato com a linguagem escrita e contribuir para ampliar a visão de mundo, a leitura estimula o aluno a exercitar sua imaginação, fantasias e desenvolver estratégia de

leitura.

Segundo Geraldi (2008, p. 99) “o ponto primordial para o sucesso ao incentivo à leitura seria recuperar e trazer para dentro da escola o prazer de ler e o respeito às leituras anteriores do aluno”.

A leitura torna-se seletiva em função de informações e ideias dinâmicas que circulam atualmente.

É fundamental que se ofereça grande quantidade de material de leitura capaz de interessar aos alunos, não só aumentando a sua capacidade de leitura, como também induzindo a um permanente hábito de leitura. [...] Nessa perspectiva o aluno se familiariza com a obra, adquirindo instrumento eficiente e fixação de cultura e de conhecimento técnico e científico da sociedade (BAMBERGER, 2000, p.28).

Diante do contexto e para responder ao que propomos sobre o que é leitor, inferimos que leitor é aquele sujeito dotado de letramento, capaz de atuar na sociedade em que vive e poder frente à rede de signos dos textos selecionar suas leituras, ora por necessidade ora por interesse.

Diante das teorias apresentadas entendemos que leitor é aquele sujeito em que se apropria de conhecimentos (saber ler e escrever) que possibilitem a sua inserção no mundo da leitura, bem como alguém que possa absorver informações para sua vida mediante a sua necessidade.

Em *Uma história da leitura*, Manguel (1997) discute que:

o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras o leitor precisa aprender a ler ...ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar bibliotecas íntimas de palavras lembradas, são aptidões que adquirimos por meio incertos (MANGUEL, 1997, p.85).

Assim, faz-se necessário que, para se tornar leitor, seja, primordial o conhecimento do saber ler e que ele tenha a capacidade de reconhecer os signos existentes. Dentro da concepção do letramento literário não basta apenas que o indivíduo tenha habilidade de ler textos literários, mas que também possa compreender e dar significados a esses textos em práticas sociais.

Tornar-se leitor é um processo que acompanha o sujeito a longo de sua vida; Segundo (CORRÊA, 2007) o processo de formação de leitor ao qual chamamos de letramento é contínuo, incessante e até mesmo interminável. Ao longo da vida, o leitor vai se apropriando de conhecimentos que possibilitarão sua mudança enquanto leitor.

Ser leitor é apropriar-se de novos conhecimentos que o farão mudar sua postura enquanto leitor no processo de ensino da literatura, reformando, fortalecendo e ampliando a educação literária que é ofertada nas escolas. Os educadores precisam estar preparados para inovar, estimular e incentivar, além de planejar aulas diversificadas, acreditando na capacidade do aluno, ganhando sua confiança a partir do respeito mútuo, sendo assim capaz de criar oportunidades de aprendizagem integrativa possibilitando descobertas e novas experiências, estimulando-os a curiosidade e despertando-os para a leitura e a escrita, fazendo assim com que os alunos vivenciem e construam ludicamente o seu próprio processo de ensino aprendizagem.

A prática da leitura baseia-se em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra que não tem paralelo em outra atividade humana.

Compreender e valorizar a leitura como uma prática social é o grande desafio da escola. É de suma importância a contribuição do professor, em relação às leituras previstas para o aluno, utilizando estratégias didáticas e pedagógicas como oportunidades para o aluno desenvolver suas habilidades de entender o que lê.

Diante do contexto, é preciso que cada professor conheça seu aluno e promova estratégias pedagógicas que incentivem uma leitura estimulante reflexiva, diversificada, crítica, ensinando-o a utilizar o uso de textos literários não só por apresentar ao educando a dimensão social que ele possui, bem como assegurar seu efetivo, porque através deles podemos conhecer a existência da escrita literária, o que ela nos diz e como nos ajuda a expressar o mundo através da nossa subjetividade. É através dela que conhecemos o mundo, por meio da experiência do outro. Para

tanto, é preciso mudar os rumos da sua escolarização.

Em *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2012) discute que:

é fundamental que seja colocado como foco das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras. Essa leitura não pode ser realizada, simplesmente pelo prazer absoluto de ler. [...] Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola (COSSON, 2012, p. 23).

Diante do contexto, quando é promovido o letramento na escola, faz-se necessário ir além da simples leitura do texto literário, pois os livros falam por si mesmos ao leitor, pois fora da escola, lemos textos literários com prazer, sem que ninguém nos instrua, ou peça, por isso é importante que a escola tente repassar uma leitura diferente.

Leitor literário, para Colomer (2007) não é só aquele sujeito capaz de dominar a leitura é o que pode ter gosto por ela.

Em *Uma história da leitura*, Manguel (1997) nos mostra que:

Em umas das cartas de Kafka, 1904 ele escreveu a seu amigo Oskar Pollak: 'No fim das contas, penso que devemos ler somente livros que nos mordam e piquem. Se o livro que estamos lendo não nos sacode e acorda como um golpe no crânio, por que darmos ao trabalho de lê-lo? Para que nos faça feliz, como diz você? Meu Deus seríamos felizes da mesma forma se não tivéssemos livros. Livros que nos façam felizes, em caso de necessidade, poderíamos escrevê-los nós mesmos. Precisamos é de livros que nos atinjam como o pior dos infortúnios, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido banidos para a floresta, longe de qualquer presença humana, como um suicídio. Um livro tem de ser um machado para o mar gelado dentro de nós. É isso que acredito' (MANGUEL, 1997, p. 113).

Entendemos que leitura literária para ser considerada como tal, precisa fazer com que o leitor ao ato de ler, articule o imaginário e o real; assim não existe nada simultaneamente mais real e mais ilusório do que o ato de ler (PIGLIA, 2006, p.29).

Neste sentido em *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2012) afirma que:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração de existência da escrita literária, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio (COSSON, 2012, p. 12).

É importante em qualquer processo de letramento tanto na escola como em qualquer outro na sociedade, o uso de textos, pois eles podem não só apresentar ao educando a dimensão social que eles possuem, bem como assegurar o contato com a leitura, porque através dela podemos conhecer a existência da escrita literária, o que ela nos diz e como nos ajuda a expressar o mundo através de nossa subjetividade. É através dela que conhecemos o mundo, por meio da experiência do outro.

A leitura contribui para ensinar a incompletude do homem, aliada à escrita torna o homem preciso, por isso é importante que esse leitor não seja um sujeito incompleto, um indivíduo que se limita a ler apenas um tipo de texto, pois o letramento literário é uma prática social, isso implica em dizer que o leitor precisa entrar em contato com os textos literários e situações que propiciem a ele um encontro com a leitura.

“Em nome da ordem ou do prazer, a literatura deve ser ensinada nas escolas com a função social de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (Cosson, 2012, p. 23), por isso é importante oportunizar nas escolas o contato com os textos literários, onde o educando possa, através do letramento, construir e reconstruir a palavra.

Sobre letramento literário entendemos que, como um conjunto de práticas e eventos sociais que envolvem a interação leitor e escritor, produzindo o exercício socializado na escola por meio da leitura de textos literários (canônicos ou não). Assim a finalidade principal dessa leitura é a construção e reconstrução dos significados em relação ao texto literário lido dentro ou fora da sala de aula.

Inferimos que leitor literário é o sujeito que possui letramento e ao longo da vida estará em processo de aquisição de leitura, isto é, sempre ampliando a sua capacidade interpretativa no ato de ler e assim ela será uma contribuição para ampliar o seu conhecimento de mundo. Tal leitor é aquele capaz de construir sentido(s) sobre o que leu e a partir do domínio de algumas competências e conhecimentos específicos (leitura e letramento), lhe possibilitem ler e interpretar um determinado contexto. Assim, ele não apenas desenvolveria sua capacidade interpretativa e posicionamento crítico como sujeito, mas também se prepararia melhor para as realidades que poderia encontrar em sua vida.

Assim ao buscar as leituras (por necessidade ou prazer) que essas façam com que ele possa analisar e julgar discursos, ideologias, posicionamentos críticos e outros, de modo a ver o mundo de forma mais inteligível.

O leitor na convergência / leitor literário

No século XXI surge um novo modelo de leitor, mais interativo com a obra que lê, isto é, devido aos meios midiáticos oportunizarem a interação com outros leitores e até mesmo com o autor, esse sujeito usa a tecnologia do novo milênio de forma a contribuir em seu ato de ler. Devido a esse leitor que usa a tecnologia vigente e das novas possibilidades de linguagem, a narrativa torna-se transmidiática, esse novo formato permite aos leitores/consumidores interagirem em diferentes mídias, como, por exemplo, o televisivo.

Para Jenkins (2009) em “A Cultura da convergência”, refere-se ao conflito entre as velhas e novas mídias, isto é um novo leitor que utiliza múltiplos meios midiáticos para interação social entre consumidores. Como convergência, podemos deduzir como as transformações sociais, tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais advindas no século XXI que propiciaram ao leitor/telespectador opinar, sugerir, criticar em diferentes mídias sobre um determinado produto, tomemos como exemplo as séries televisivas; os leitores/telespectadores no século XXI não apenas assistem aos meios de comunicação, eles também compartilham entre si ao que assistem, e isso é o que podemos chamar de a cultura da convergência, uma interação social entre consumidores através da mídia onde os leitores/consumidores externam opiniões e pontos de vista sobre um determinado produto, no caso uma série televisiva.

Vale ressaltar também que os tradicionais meios de comunicação como: filmes, mini séries e telenovelas não deixaram de existir, mas agora eles convivem com novos meios de comunicação, como exemplo as séries televisivas. Não é que esses meios estão sendo substituídos, o que ocorre é que eles estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias.

O perfil desses novos espectadores, demonstra uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação, com isso migram para outro produto face a possibilidade de se conectar socialmente na busca de algo que o satisfaça.

Em *As séries televisivas no contexto da ficção nacional: uma aproximação*, Dantas (2015), nos mostra que:

O sucesso das séries televisivas na contemporaneidade é notável. A exportação desses produtos – principalmente os americanos, reconhecidos mundialmente pelo *know how* na produção e distribuição seriada – e a sua assistência facilitada por novas tecnologias de consumo, como serviços de vídeo

on demand (VOD) e por banda larga, como o *Netflix*, têm contribuído para ampliar o sucesso desse formato vitorioso. (DANTAS, 2015, p.170)

Hoje podemos inferir que as séries televisivas têm ocupado um lugar de destaque na sociedade, isto é, devido à inserção de novos produtos tecnológicos como: VOD e, *Netflix* eles têm contribuído para que os seriados alcançassem o seu sucesso, pois não é preciso mais data e hora marcada para que um telespectador possa assistir a um determinado produto. Devido ao formato digital que esses produtos propiciam, o sujeito pode organizar o seu tempo a seu modo, isto é, ele pode acompanhar uma série, um filme a qualquer hora do dia.

Jenkis (2009) diz que essa facilidade advém do desenvolvimento da tecnologia que propiciou aos consumidores, o surgimento da narrativa transmídia onde os consumidores interagem em diferentes canais para assegurar que todos tenham um contato mais rico com a mídia.

Toda essa facilidade de envolvimento faz com que a indústria da mídia tenda a segui-los, pois ela vai aonde esses consumidores possam ser encontrados. Daí pode-se deduzir que o sucesso de um seriado, surgiu a partir da postura desse novo espectador que age ativamente no produto que é apresentado, ou seja sua postura é um querer mais sobre o produto apresentado. Um dos fatores, que contribuiu para isso, foi o *spoiling*:

A palavra "spoiling" começa lá atrás- ou pelo menos- até onde se consegue ir para trás- na história da *Internet*. O *spoiling* surgiu do desencontro entre as temporalidades e geografias dos velhos e novos meios de comunicação. Para começar, as pessoas da Costa Leste viam uma série de TV três horas antes das pessoas da Costa Oeste. Algumas séries eram exibidas em noites diferentes, em mercados diferentes. Séries americanas eram exibidas nos EUA seis meses ou mais antes de estrear no mercado internacional (JENKIS 2009, p.59)

Mesmo que o *spoiling* tenha vindo de uma ideia global de entretenimento, que adveio de uma facilidade digital, acaba sendo fruto de uma ausência de possibilidade de todos os espectadores poderem assistir ao mesmo tempo.

Sobre a *Cultura da Convergência*, Jenkis (2009) diz que:

Um homem com uma máquina (uma TV) está condenado ao isolamento, mas um homem com duas máquinas (TV e computador) pode pertencer a uma comunidade...as pessoas com acesso a múltiplas máquinas consomem – e produzem- juntas, quando reúnem percepções e informações ,mobilizam-se para promover interesses comuns e funcionam como intermediários alternativos ,garantindo uma circulação mais ampla de mensagens importantes e conteúdos interessantes. Em vez de falar de mídia pessoal, talvez devêssemos falar em mídia comunitária (JENKIS, 2009, p.327/328)

Segundo o autor o homem com uma televisão está condenado ao isolamento, porém se ele estiver com um computador e uma TV poderá atuar melhor na comunidade em que vive. Devido aos intermediários alternativos, isto é, blogs, grupos de fãs e comunidades virtuais as mensagens e comentários sobre um produto midiático acabam por influenciar o sujeito a interagir em grupo social.

Vale lembrar que o *Spoiling* é algo que poucos espectadores gostam, ainda que haja grupos que não gostem.

Os fãs têm visto no ar mais programas que refletem seus gostos e interesses; os programas estão sendo planejados para maximizar elementos que exercem atração sobre os fãs; e esses programas tendem a permanecer por mais tempo no ar, pois, em casos extremos, têm mais chance de serem renovados (JENKIS, 2009, p. 97).

O sucesso das séries pode ser explicado devido à renovação com que cada temporada se apresenta ao espectador e cada episódio tratar de um assunto específico, ou seja, cada episódio tem sua sequência narrativa dinâmica (início, meio e fim) e levando em conta que o homem no século XXI precisa ser um leitor conectado ao seu tempo, porém, como muitas vezes (nosso leitor) está atrasado nesse tempo, por falta de acesso as tecnologias, cabe ao professor contextualizar, discutir, debater esse tipo de mídia, pois a sociedade atual tende a conceber os modos de ler e de se apropriar dos textos (nos vários suportes que ele se encontra) de maneira diferente.

Considerações Finais

A geração do século XXI é marcada pelo uso da tecnologia, com isso percebemos uma necessidade de a escola ofertar aos educandos um ensino que traga diferentes parâmetros da educação do século XX, a fim de que não vivamos um paradoxo educacional, pois apesar de estarmos na era globalizada, marcada por avanços constantes na tecnologia e na ciência, ainda podemos encontrar resquícios de um modelo pautado na repetição e transmissão de saberes.

A formação de leitor literário através da leitura na convergência, nos apresenta uma modalidade de leitura que pode contribuir para que tenhamos um sujeito mais interativo com a obra que lê, isto é, devido aos meios midiáticos atuais oportunizarem a interação com outros leitores e até mesmo com o autor. Com isso, há um conflito entre as velhas e novas mídias onde as transformações sociais e tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais advindas no século XXI que propiciaram ao leitor /telespectador opinar, sugerir, criticar em diferentes mídias sobre um determinado produto, os leitores/telespectadores no século XXI não apenas assistem aos meios de comunicação, eles também compartilham entre si ao que assistem, e isso é o que podemos chamar de a cultura da convergência, uma interação social entre consumidores através da mídia onde os leitores/consumidores externam opiniões e pontos de vista sobre um determinado produto.

Referências

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BAYARD, Pierre. **Comment parler des livres que l'on n'a pas lus?** Paris: Minuit, 2007.

BAYARD, Pierre. **Qui a tué Roger Acroyd?** Paris: Minuit, 1998.

BELLEMIM-NOEL, Jean. **Plaisirs de vampires**. Paris: PUF, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 16 set. 2018

CEREJA, William Roberto **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007

COSSON, Rildo. Letramento literário: educação para vida. **Vida e Educação**, Fortaleza, v.10, 2012.

DANTAS, Sílvia Góis. As séries televisivas no contexto da ficção nacional: uma aproximação. **Vozes e diálogo**. Itajaí, v.14, n.02, jul./dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 42. ed. São

Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana L. de Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

LAILOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAES, Andréa Silva. Pôster acadêmico: um evento multimodal. **Ao Pé da Letra** (UFPE. Impresso), v. 09, p. 1, 2007.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, José Aroldo da. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve**. Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras – UNIFAP. v. 1, n. 1, Jan- Jun., 2011.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.